

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA

Cristiane Camargo Gimenes



**EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE
INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: POSSÍVEIS MARCAS NA CONSTITUIÇÃO DAS
PROFESSORAS**

Porto Alegre

2º semestre

2013

Cristiane Camargo Gimenes

**EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE
INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: POSSÍVEIS MARCAS NA CONSTITUIÇÃO DAS
PROFESSORAS**

Trabalho de Conclusão apresentado a Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: prof^a. Dr^a. Dóris Bittencourt Almeida

Porto Alegre

2^o semestre

2013

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho quero agradecer

... à Universidade Federal do Rio grande do Sul pela oportunidade de me proporcionar uma formação de qualidade;

... às professoras e Coordenadoras do PIBID Maria Aparecida Bergamaschi e Dóris Bittencourt Almeida que sempre inspiraram o meu fazer docente;

... às minhas colegas de PIBID por compartilhar muitas alegrias e aprendizagens nessa caminhada pela formação docente;

... às professoras que fizeram diferença na minha formação acadêmica: Maria Aparecida (Cida), Dóris, Maria Bernadette (Berna), Maria Isabel (Bela), Mirian Rosa, Luciana, Maria Luisa (Malu), agradeço o carinho que sempre recebi de todas;

... às instituições, professoras, alunos e direção que me acolheram no PIBID, nas mini-práticas e em especial na Escola de Ensino Fundamental Vera Cruz, onde fiz meu estágio docente;

...às minhas queridas amigas e colegas que tive o prazer de conhecer nesta Universidade, em especial Aninha que traçou este caminho comigo, do início ao fim;

...aos meus pais, Volmir e Terezinha, que sempre me deram muito apoio, me ensinaram desde pequena a ser humilde, ser persistente e esforçada em tudo o que faço, sem desanimar nunca, e também as minhas sobrinhas, Alyssa, Bianca e Sofia; minha cunhada Iolanda e meu querido cunhado Vanderlei Pedrotti por fazerem parte da minha história;

... aos meus irmãos pela força e incentivo: Vânia pelo apoio, mesmo que à distância, Zeca por estar sempre por perto e por me acolher nas horas em que mais precisei, e Simone por ter me encorajado a entrar na Universidade, pelas longas noites de conversa e incentivo a voltar a estudar, de dizer “sim você pode, você consegue”;

... ao meu marido Luiz que segurou as pontas durante esses anos de estudo, sempre ajudou a me acalmar nas horas em que eu pensei que não iria conseguir, obrigado pela paciência, pelo apoio e por acreditar em mim;

... ao meu filho amado do coração Cristian que faz parte dessa história, você é um pedacinho de mim e, especialmente, ao meu filho, que amo muito, Otávio que é o motivo maior por eu estar formada hoje, você é minha inspiração maior, pois foi pensando no teu futuro que vi a possibilidade de me tornar uma professora!

Amo muito minha família, obrigada por tudo!

RESUMO

Este trabalho aborda a formação docente na contemporaneidade e seus entrelaçamentos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID. As motivações para a escolha e desenvolvimento da pesquisa estão relacionadas à inserção da investigadora com o PIBID durante a graduação. A partir das narrativas de algumas bolsistas egressas, a investigação se propôs a buscar as possíveis marcas da formação vivenciadas no Programa e discutir em que medida o Projeto colaborou na formação dessas professoras. A pesquisa é de cunho qualitativo e se caracteriza como um estudo de caso, pois se trata de um grupo delimitado a ser investigado. O recurso utilizado para a empiria foi a entrevista semiestruturada com questões que orientaram a investigação. Os parceiros teóricos que apoiaram o estudo são: Antônio Nóvoa e Maria Helena Cavaco sobre formação docente e sobre docência compartilhada foram importantes as leituras de Traversini; Xavier; Rodrigues; Dalla Zen e Santos. Os resultados da pesquisa indicam que o Projeto deixou marcas na formação dessas professoras, entre elas, o desenvolvimento da autonomia, o valor das atividades de cunho formativo, especialmente considerando as aproximações da temática indígena, e a docência compartilhada como um apoio e reconhecimento da eficiência dessa prática em sala de aula.

Palavras-chave: Formação Docente. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Docência compartilhada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 Meus primeiros passos... Iniciando a docência no PIBID	5
1.2 Construindo conhecimentos, compartilhando conquistas: os frutos do Projeto	7
2 O QUE É PIBID	9
2.1 Criação do Programa, aspectos legislativos junto ao MEC/ CAPES.....	9
2.2 O Programa na UFRGS, quando começou.....	11
2.3 Construindo o PIBID Pedagogia: iniciando a docência, enfrentando desafios.....	12
3 DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA À CONSTITUIÇÃO DA PROFESSORA: PROCESSOS QUE FORMAM	16
4 TRAÇANDO OS ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
4.1 Dos sujeitos.....	21
4.2 Do ambiente.....	25
4.3 Das entrevistas.....	27
4.4 Devolução das entrevistas e escolhas dos nomes	29
5 EXPERIÊNCIAS QUE MARCARAM NO PIBID PEDAGOGIA: APRIMORANDO O FAZER DOCENTE	31
5.1 A escolha pelo PIBID Pedagogia: alguns apontamentos	32
5.2 Notas importantes: engajamento das escolas, algumas impressões.....	34
5.3 A formação docente: as marcas que ficaram	37
5.3.1 Docência Compartilhada: Uma marca forte	38
5.3.2 Autonomia e comprometimento.....	41
5.3.3 A cultura indígena como destaque do PIBID.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
7 REFERÊNCIAS	49
8 APÊNDICES	52

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso se propõe a analisar a experiência promovida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência [PIBID], em seu subprojeto Pedagogia e suas implicações na constituição do fazer docente, a partir das narrativas de bolsistas egressas do referido Programa. As estudantes¹, em questão, tiveram em sua trajetória acadêmica um envolvimento com o subprojeto PIBID Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 2010 a 2012.

O estudo apresenta também uma reflexão sobre as aprendizagens das egressas por meio das formações que o projeto proporcionou ao grupo. Ao longo de dois anos, as temáticas indígena e afrodescendente foram, de certo modo, transversalizadas pelos estudos da memória. Da mesma forma, aqui procuro refletir acerca da docência compartilhada nas escolas. Todas essas vivências foram oportunizadas pelo PIBID Pedagogia que ofereceu muitas aprendizagens ao grupo de bolsistas. Enfim, neste trabalho, investigo se os saberes promovidos pela experiência no PIBID têm ressonância ou não no exercício da docência dessas bolsistas egressas, agora professoras.

1.1 Meus primeiros passos... Iniciando a docência no PIBID

Aqui procuro refazer meu percurso até chegar ao Curso de Pedagogia na UFRGS, retomo os caminhos percorridos, as dificuldades encontradas, depois de passados quase dez anos sem contato com o ambiente escolar. Na sequência, descrevo como conheci o PIBID e dialogo com o leitor sobre a importância do Projeto para minha formação docente.

¹ Neste trabalho irei usar os termos as estudantes, as professoras, as bolsistas sempre no feminino, porque a pesquisa ocorreu somente com estudantes do sexo feminino.

Ao relembrear minha trajetória acadêmica, me deparo com os caminhos que me levaram até a Universidade, longa jornada pela qual passei, pois, após retomar os estudos² e me preparar para fazer o vestibular³, consegui entrar na Universidade tão prestigiada que é a UFRGS. No início, era tudo difícil, justamente por eu estar por muito tempo afastada das atividades escolares, e, principalmente, porque as novas tecnologias faziam parte da universidade e não tanto da minha vida, eu não sabia ao menos ligar o computador. Devido a essas dificuldades iniciais na faculdade, optei por me dedicar integralmente aos estudos no primeiro semestre letivo.

Mas, no decorrer do curso, fiquei disposta a encontrar uma bolsa na faculdade para ganhar experiência e também para ajudar nos custos com Xerox, passagem escolar, almoço no restaurante universitário (R.U.) etc. Foi aí então que o projeto PIBID me foi apresentado. Estava no segundo semestre e, entre as disciplinas, cursava Linguagem e Educação I ministrada pela professora Luciana Piccoli. Como essa professora estava envolvida com o projeto que se iniciava, ela divulgou a bolsa de iniciação à docência em uma de suas aulas. E foi assim que conheci o projeto. Logo me interessei e fiz a minha inscrição. Após essa etapa, as candidatas foram chamadas para fazer uma entrevista em grupo, onde passamos uma tarde conversando, nos conhecendo, discutindo o que entendíamos por diversidade cultural, afinal, este que era o eixo principal a ser trabalhado posteriormente. Interessante que, naquele ano de 2009, a maioria das alunas do Curso de Pedagogia não teve interesse pela bolsa, que era inédita na Universidade. Talvez por se tratar de um Programa novo e também pelo fato de que há muitas oportunidades de estágio em escolas e também bolsas de iniciação científica na UFRGS, a procura foi pouca. Devido a isso, todas as onze candidatas foram chamadas a participar do projeto PIBID Pedagogia, e, no decorrer do ano, foram entrando no grupo outros alunos para completar o número de quinze [15] bolsas.

² Retomei os estudos e terminei o 2º e 3º ano na EJA no META que é uma rede de escola particular.

³ Fiz a prova do concurso vestibular da UFRGS duas vezes, passei na segunda vez para o curso de Pedagogia. A preparação para o vestibular, também, foi realizado na instituição META pré-vestibular por dois anos.

O início efetivo do Projeto foi em maio de 2010, com a seleção das bolsistas, apresentação das escolas conveniadas e reuniões de formação sobre a temática indígena.

Antes de iniciar o planejamento e de desenvolver as oficinas⁴, precisamos fazer várias visitas para observar as aulas das professoras, observar os alunos, visitar a biblioteca e procurar livros que pudessem ser aproveitados, conhecer o corpo docente, a direção e supervisão e também os funcionários, enfim, explorar os espaços da escola como um todo, para irmos aos poucos nos integrando.

1.2 Construindo conhecimentos, compartilhando conquistas: os frutos do Projeto

O PIBID Pedagogia trouxe muitas conquistas para as bolsistas participantes do projeto. O exercício da docência compartilhada é algo valioso proporcionado pelo PIBID, pois faz com que a docente reflita sobre suas ações no dia-a-dia com o outro. Além da experiência da docência compartilhada, muitas outras conquistas foram alcançadas, entre elas a formação continuada por meio de palestras sobre temáticas que abrangeram a diversidade cultural: cultura indígena, cultura afrodescendente; sobre histórias de vida, trabalhando com a memória de alunos e professores. Tivemos diversas oportunidades propiciadas pelo PIBID para nossa formação, entre elas, as saídas de campo às comunidades indígenas. Eu participei de três visitas as comunidades indígenas, todas situadas em Porto Alegre. A primeira comunidade visitada foi Kaingang que se situa no Morro do Osso, na zona sul; a segunda visita foi à comunidade Guarani localizada no bairro Canta Galo, também zona sul; e por último, visitamos a comunidade indígena Kaingang localizada na Lomba do Pinheiro, zona leste. Além disso, fizemos várias leituras de livros, leituras de artigos, assistimos filmes e documentários que provocavam a discussão e a reflexão do grupo após cada formação.

⁴ Adotamos essa nomenclatura para diferenciar as aulas da escola, pois consideramos que a aula do PIBID se diferencia das práticas adotadas pelas professoras.

Outro mérito proporcionado aos integrantes do Projeto foi a publicação de artigos científicos e apresentações de trabalhos sobre a temática indígena em eventos. Entre eles a apresentação de trabalho sobre a temática indígena na XVII Jornada de Ensino de História e Educação: Ensino de História no Cone Sul: Patrimônio Cultural Territórios e Fronteiras na Universidade do Pampa [UNIPAMPA]; XVIII Jornada de Ensino de História: o ensino de História, imagens e mídias na Universidade do vale do Rio dos Sinos [UNISINOS]; e no Salão de Ensino da UFRGS. Também publicamos nossos escritos em periódicos⁵, publicamos um livro de memoriais e um Caderno Pedagógico.

A proposta do PIBID Pedagogia está além das ações dos professores bolsistas na sala de aula, da docência compartilhada, da formação continuada, das publicações de artigos e livros e das apresentações dos trabalhos em universidades. As bolsistas iniciantes da docência tiveram sempre o incentivo à pesquisa na sala de aula atendendo um dos objetivos do Projeto que é tornar a professora uma pesquisadora da sua ação docente, fazendo que este faça reflexão da sua prática na sala de aula. Para isso, as bolsistas professoras, sempre foram incentivadas a ter autonomia, a serem protagonistas na hora de planejar a aula.

Como o meu campo de pesquisa é a política de formação docente na contemporaneidade, a questão que persegue este estudo é compreender a experiência promovida pelo PIBID Pedagogia e suas implicações na constituição do fazer docente, a partir das narrativas de bolsistas egressas. Devido a minha trajetória na universidade, os caminhos que foram traçados com o PIBID Pedagogia, que perpassaram minha formação docente, e me constituíram dentro e fora do espaço físico e acadêmico da UFRGS, tenho por objetivo investigar as possíveis marcas da formação vivenciada no PIBID nas trajetórias de algumas bolsistas egressas. Assim, a pergunta de pesquisa é: **Em que medida o PIBID Pedagogia colaborou na formação das professoras, bolsistas egressas do Projeto?**

⁵ POLO, Ana, et al (2012); GIMENES, Cristiane Camargo (2012) ; POLO, Ana et al (2013).

2 O QUE É PIBID

Neste capítulo, procuro explicar o que é o programa PIBID, como foi instituído, e as formas de adesão ao programa pelas Universidades. Também explicarei sua implementação na UFRGS e como o subprojeto PIBID Pedagogia teve seu início.

2.1 Criação do Programa, aspectos legislativos junto ao MEC/ CAPES

O Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência [PIBID] foi instituído pelo Decreto⁶ nº 6.096, de 24 de abril de 2007 atendendo as diretrizes do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação e o Plano de Desenvolvimento da Educação [PDE] com a intenção de ampliar, inicialmente, a permanência dos alunos nas instituições de educação de ensino superior no Brasil. Seu principal objetivo é investir na qualificação da formação inicial e continuada dos futuros docentes. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES] é o órgão vinculado ao Ministério da Educação [MEC] o qual faz a concessão das bolsas de iniciação à docência de formação inicial e continuada da educação básica, conforme a legislação que fundamentam a responsabilidade da CAPES:

Lei 11.502/2007 - Modifica as competências e a estrutura organizacional da fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, de que trata a Lei no 8.405, de 9 de janeiro de 1992; e altera as Leis nos 8.405, de 9 de janeiro de 1992, e 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, que autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação

⁶ Documento encontrado no site do MEC disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8724&catid=223 acesso em 07 de setembro de 2013. Outro site em que o referido decreto foi encontrado: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_061_2013_PIBID.pdf acesso em 21 de setembro de 2013.

básica. (disponível em <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/legislacao/2336-leis>. Acesso em 07 de setembro de 2013)

A finalidade do PIBID é de incentivar os alunos das licenciaturas da educação básica, a se inserirem nas escolas públicas, incentivando a docência e o contato com estas instituições, promovendo uma aproximação entre – Universidade/escola - propiciando uma troca de saberes entre alunos bolsistas e dos educadores que atuam na escola, permitindo uma qualificação das práticas pedagógicas dos licenciandos desde o início do curso de graduação. Essa iniciativa tem como um dos objetivos principais a valorização do professor do ensino básico, bem como, a permanência do aluno graduando na sua área específica, possibilitando que o futuro professor inicie o trabalho docente antes do estágio obrigatório.

Dentre os objetivos⁷ do Programa, está prevista a valorização do magistério e do professor, especialmente do ensino básico; melhoria na qualidade da educação; aproximar a Universidade, por meio dos estudantes bolsistas, com a escola; instrumentalizar professores das escolas públicas com os recursos tecnológicos para favorecer as aprendizagens e incentivar a pesquisa e reflexão da prática docente.

Para participar do Programa PIBID, cada instituição de Ensino Superior [IES] pode apresentar à CAPES um projeto único que envolva diferentes áreas do conhecimento para ser analisado. Se o projeto da Instituição for aprovado, fica disponibilizada uma quantia em dinheiro para custeio de gastos. Além disso, está prevista uma cota de bolsas para a permanência de alunos bolsistas, professores coordenadores das universidades e professores supervisores nas escolas.

Ao implementar o PIBID, cada Instituição de Ensino Superior [IES], deve ter um coordenador institucional, que é o responsável pelo projeto no âmbito da Universidade, neste caso a Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS]. Há também a função de coordenador de área de gestão de processos educacionais, que apoia e ajuda no desenvolvimento do projeto junto ao coordenador institucional e, como

⁷ Objetivos encontrados no site da CAPES disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid> acesso em 07 de setembro de 2013.

anunciado anteriormente, os coordenadores de área, docentes responsáveis pelo desenvolvimento dos subprojetos. Nas escolas parceiras do PIBID, a legislação prevê a existência do professor supervisor para cada subprojeto, que deve mediar o estreitamento entre a escola e Universidade.

Os projetos são financiados da seguinte forma: os alunos bolsistas devem estar devidamente matriculados no curso/área do subprojeto do PIBID e são financiados pela CAPES. Os coordenadores do subprojeto/ área de conhecimento, precisam pertencer ao quadro efetivo da Universidade por três anos e o financiamento é através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação [FNDE]. E, por último, as bolsas dos supervisores, que devem atuar na rede pública da educação básica efetivamente, também são financiadas pelo FNDE.

2.2 O Programa na UFRGS, quando começou...

Os objetivos que foram se desenhando conforme as necessidades do Programa na UFRGS são o de qualificar a formação inicial dos professores dos cursos de licenciatura, inserir os alunos nas escolas da rede pública oportunizando a troca de experiências com os educadores da rede e incentivar os professores das escolas públicas a serem protagonistas da formação dos novos professores do magistério.

Na UFRGS, a Coordenadoria das Licenciaturas [COORLICEN]⁸ é o órgão vinculado à Pró-Reitoria de Graduação [PROGRAD], responsável pelo acompanhamento e gestão do PIBID. A COORLICEN articula questões relativas a formação de professores, acompanha e avalia o Programa de Iniciação à Docência na Instituição e estreita as relações da Universidade com a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul⁹.

⁸ Informações retiradas do site da COORLICEN UFRGS disponível em: <http://www.ufrgs.br/coorlicen/> acesso em 07 de setembro de 2013.

⁹ Fonte consultada: <http://www.ufrgs.br/pibid/> consulta realizada no dia 07 de setembro de 2013.

O Programa teve seu início em março de 2009, conforme as determinações dos Editais 2007¹⁰, sendo que, a implantação do PIBID contou com a participação de seis subprojetos: Biologia, Letras- Artes, Ciências Sócio Históricas, Física, Química e Matemática.

Assim, percebe-se que o PIBID foi rapidamente tomando proporções maiores na UFRGS, envolvendo mais cursos de graduação, mais alunos bolsistas e mais escolas parceiras. Em 2009, a UFRGS lançou um novo edital¹¹ que englobou outras licenciaturas na área da Filosofia, Pedagogia e Teatro.

O Programa PIBID/UFRGS tem um cronograma a ser seguido com ações que são previstas e resultados pretendidos durante o ano. Esses encontros acontecem duas vezes por ano, o Coordenador institucional em conjunto com o Coordenador de Gestão realiza uma reunião para formação entre os subprojetos PIBID/UFRGS. Nessas reuniões são destacados a participação dos subprojetos em eventos, escritas de artigos e livros, palestras promovidas na escola e ou na universidade, número de alunos bolsistas que ingressaram no programa, e o crescimento do PIBID no âmbito nacional nas IES.

2.3 Construindo o PIBID Pedagogia: iniciando a docência, enfrentando desafios...

O subprojeto PIBID pedagogia UFRGS foi construído e implementado pela professora Dr^a Maria Aparecida Bergamaschi¹² através do plano de trabalho

¹⁰ Fonte consultada: <http://www.ufrgs.br/pibid/Projeto%20Institucional.pdf> consulta realizada no dia 07 de setembro de 2013.

¹¹ O novo edital do PIBID foi lançado no Diário Oficial da União e na página eletrônica da CAPES dia 02 de agosto de 2013. O edital prevê o início das atividades em março de 2014. A duração e o prazo de execução dos projetos aprovados neste edital são de quarenta e oito (48) meses podendo ser prorrogado. Fonte consultada no dia 07 de setembro de 2013 http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_061_2013_PIBID.pdf

¹² Professora da faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

apresentado a CAPES com o título: *Pedagogia e Diversidade: Construindo processos inclusivos na escolarização inicial*.

A professora Cida¹³ é referência na UFRGS, especialmente por seus estudos referentes aos povos indígenas, pois há muitos anos vem se dedicando a pesquisar essa temática. Ela integra o Conselho¹⁴ Editorial da revista Espaço Ameríndio, ministra uma disciplina intitulada Povos Indígenas e Educação na FAGED, orienta alunos de mestrado e doutorado que também pesquisam a temática de seu interesse e têm várias publicações¹⁵ em livros e artigos sobre educação escolar indígena.

Ao idealizar o projeto PIBID Pedagogia, a professora deu ênfase à “Diversidade”, tendo como justificativa a Lei Federal 11.645/2008 que determina a obrigatoriedade do estudo da História e da Cultura Indígena nas Escolas de Ensino Básico, alterando o artigo 20 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Assim foi criado o subprojeto PIBID Pedagogia, construído a partir de quatro eixos principais:

3. *O processo de inclusão na escola Contemporânea*¹⁶: O objetivo é de que a escola como um todo, alunos, professores, funcionários e direção, compreendessem o tema diversidade e, assim, pudessem repensar o currículo escolar.
4. *A diversidade como foco de ações pedagógicas*: esse eixo foi construído e pensado para que os professores das escolas participantes desconstruíssem a ideia da homogeneização dos alunos, muito presente nas práticas escolares, e, principalmente, o Subprojeto contribuísse na formação de professores para a nova educação para um conjunto de saberes e conhecimentos sobre diversidade étnico-racial na escola, tendo como destaque os Povos indígenas.

¹³ Apelido da professora Maria Aparecida Bergamaschi

¹⁴ Pesquisa realizada no currículo lattes

¹⁵ Algumas publicações referentes a temática indígena encontra-se em BERGAMASCHI 2008, 2009, 2012

¹⁶ Eixos retirados do documento que detalha o subprojeto Pedagogia a CAPES

5. *A alfabetização como forma de articulação entre Educação Infantil e Ensino Fundamental*: esse eixo foi pensado para articular a educação Infantil e os anos Iniciais pela via da alfabetização e relacioná-las com o estudo teórico-prático do jogo, do brinquedo e da brincadeira.
6. *A formação de professores pesquisadores de sua ação docente*: Esse eixo foi pensado para as bolsistas do projeto para qualificar as ações docentes tornando-as professoras pesquisadoras das práticas escolares permitindo uma maior reflexão sobre as aprendizagens discentes.

Ao se efetivar o projeto PIBID Pedagogia, a professora Cida esteve a frente do projeto com mais duas apoiadoras, a professora Dr^a Maria Carmem e a professora Dr^a.Luciana Piccoli. Durante o primeiro ano, essas professoras se afastaram do PIBID, permanecendo a coordenação de Maria Aparecida Bergamaschi. Nesse meio tempo, ingressou também como coordenadora a professora Dr^a. Dóris Bittencourt Almeida¹⁷ que estava iniciando sua trajetória na UFRGS como professora adjunta de História da Educação na Faculdade de Educação.

O PIBID Pedagogia se configurou em 2010 com três coordenadoras do subprojeto: as professoras Maria Aparecida, Maria Carmem¹⁸ e Dóris, cada uma ficou responsável por acompanhar um grupo de bolsistas por escola. Foram escolhidas três escolas para iniciar o projeto: Escola Estadual Ensino Básico Presidente Roosevelt, Escola Estadual Ensino Fundamental Padre. Balduíno Rambo e Instituto de Educação General Flores da Cunha Dináh Néri. Em cada escola, havia uma supervisora, com as funções de auxiliar os bolsistas na aproximação com a escola e manter um diálogo entre escola e universidade. As 15 bolsistas selecionadas se dividiram entre essas três escolas participantes. Havia também, uma distribuição de coordenadoras do subgrupo PIBID Pedagogia por escola. A Professora Cida ficou responsável pelo grupo de

¹⁷ A professora Dr^a Dóris Bittencourt Almeida é a atual Coordenadora do subprojeto PIBID Pedagogia, com as novas coordenadoras professora Dr^a Maria Bernadette Castro Rodrigues e Professora Dr^a Rosângela Soares e com a supervisão da Prof^a Maria Aparecida Bergamaschi.

¹⁸ A professora Maria Carmem Silveira Barbosa coordenou o projeto de 2010 até início de 2011.

bolsistas que atuaram no Rambinho¹⁹, a professora Dóris ficou responsável pela escola Dináh Neri, e a professora Maria Carmem Barbosa se responsabilizou na orientação das bolsistas da escola Presidente Roosevelt. Com as inserções, cada grupo de bolsistas por escola pode averiguar como seriam desenvolvidas as atividades acerca da temática indígena. No Rambinho notou-se uma necessidade de incluir atividades lúdicas, por isso, foi utilizado os jogos e brincadeiras para dar conta das propostas sobre a temática indígena em 2010 e afrodescendente em 2011. Na escola Presidente Roosevelt o suporte utilizado para contemplar as temáticas sobre a diversidade cultural – indígena e afrodescendente – foi o uso da sala de informática como recurso. E na escola Dináh Neri as bolsistas usaram como recurso para as questões indígenas e afrodescendentes o trabalho com a memória.

A aluna bolsista tinha uma carga horária mensal de 20 horas semanais entre atividades na escola, planejamento e formação sobre as temáticas que foram trabalhadas. Entre as temáticas no foco da Diversidade Cultural, as bolsistas tiveram uma formação aprofundada acerca da temática indígena devido a Lei 11.645 que cria a obrigatoriedade do Ensino da História e da Cultura indígenas nas escolas. Também houve formação com grande destaque sobre o Estudo da História e Cultura dos povos afrodescendentes e história de vida dos professores – memória – e atualmente o PIBID Pedagogia trabalha a temática Patrimônio Cultural, especialmente considerando as histórias do povo negro em Porto Alegre.

¹⁹ Apelido que carinhosamente é chamada a escola pela comunidade escolar e pelos subprojetos que passaram por esta escola.

3 DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA À CONSTITUIÇÃO DA PROFESSORA: PROCESSOS QUE FORMAM

Neste capítulo, apresento os conceitos chaves do meu trabalho: formação docente e docência compartilhada. Dentre muitos autores que falam sobre formação docente, escolhi Antônio Nóvoa para iluminar minhas ideias sobre este tema, porque é referência a respeito desse assunto e um dos grandes pensadores sobre educação na contemporaneidade.

O PIBID é um Programa que foi criado para apoiar os futuros professores que estão iniciando a docência. Uma de suas prioridades é procurar aliar a teoria com a prática, desta forma o aluno bolsista se insere na escola e tem a oportunidade de conhecer esse espaço e, também, de se formar através da convivência com colegas e com o corpo docente em seu futuro ambiente de trabalho. O Programa tem muitos propósitos e, entre eles, está de incentivar a permanência das professoras na escola, investindo na valorização da profissão. Faz-se notar a importância dessa relação desde cedo de atrelar os estudos às aprendizagens que a Universidade proporciona, aliando, assim, a teoria com a prática na sala de aula. É importante observar que, muitas vezes, as professoras deixam de exercer sua profissão porque não conhecem o seu ambiente de trabalho ou até podem cumprir por um determinado tempo a função e depois se desmotivam. Outro fator que contribui para isso é a desvalorização do docente. Por isso, se torna tão importante a conexão entre futura professora e escola, pois, desse modo tem a possibilidade de conhecer os meandros de sua profissão desde o início da graduação.

Se a escola se organizar para acolher os novos docentes, abrindo o caminho para que possam reflectir e ultrapassar de forma pertinente e ajustada as suas dificuldades, se assumir colectivamente a responsabilidade do seu encaminhamento através de projectos de formação profissional, talvez contribua para inverter, por essa via, a actual tendência para a descrença generalizada que se associa a à desvalorização social da imagem do professor. (CAVACO, 1999, p.168)

De um modo geral, percebe-se que as professoras aprendem a teoria na Universidade e têm dificuldades de por em prática o que foi apreendido no meio

acadêmico no seu fazer docente e, isso, se reflete nas escolas com menos profissionais para atuar na sala de aula.

Nesse aspecto, o PIBID contribui para que as novas professoras possam conhecer o espaço escolar muito antes de concluírem o curso de graduação, permitindo que sua experiência seja dividida por meio da docência compartilhada. Essas vivências permitem que as futuras professoras possam aliar as teorias estudadas com as práticas, aproximando Universidade e escola e promovendo uma formação continuada, para além dos estudos acadêmicos.

Antônio Nóvoa considera que a formação docente não pode se limitar às instituições de ensino, às práticas e aos métodos, ou seja, não se faz necessário um amontoado em metodologias e técnicas que ensinem o que fazer e como fazer, mas é através de um trabalho de constante reflexão crítica sobre as práticas realizadas que a formação se desenvolve (NÓVOA, 1992). O autor defende a ideia de deslocar a formação acadêmica para uma perspectiva centrada na profissão no sentido de buscar “o desenvolvimento profissional do professor no coração da profissão²⁰” e valorizando o seu fazer pedagógico:

Hoje em dia impõem-se cada vez com maior evidência: que os professores não são apenas consumidores, mas são também produtores de materiais de ensino; que os professores não são apenas executores, mas são também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos; que os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos. (NÓVOA, 2002, p. 36)

O Projeto PIBID Pedagogia teve em sua formação inicial quinze [15] bolsistas que tiveram a experiência de trabalhar em conjunto em regime de docência compartilhada, que ocorria da seguinte forma: planejávamos em conjunto e dividíamos as tarefas que seriam executadas na escola. Apesar de aparentar ser uma tarefa fácil, nem sempre era simples compartilhar a docência. Por ser um grupo heterogêneo, cada pessoa chega à Universidade com suas *bagagens* culturais, suas crenças e teorias o

²⁰ Trecho retirado de uma palestra de Antônio Nóvoa no Brasil intitulada “ofício de professor”. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=txleZKamajE> consulta em 24/09/2013.

que torna esse exercício de dividir algo complexo, assim, como relatam algumas participantes do PIBID Pedagogia no livro de memórias intitulado “Iniciação à Docência em Pedagogia: Memórias que contam histórias” (2012). Nesse livro, as bolsistas narram suas histórias de vida, refletem sobre a escolha pela docência, uma das bolsistas relata as dificuldades de exercer a docência compartilhada: “o planejamento das atividades é feito pelo grupo, o que nem sempre é fácil, pois cada pessoa tem seu estilo, seu modo de pensar”. (CARVALHO, 2012, p. 37), outra bolsista relata sua experiência vivenciada no PIBID remetendo a convivência em grupo: “quinze bolsistas, iniciando a docência com histórias bem diferentes, isso torna os dias muito tumultuados” (CORREIA, 2012, p. 75).

Inspirada em Traversini²¹; (2012) a docência compartilhada exige o exercício de alteridade, de generosidade, em que cada um pode expor suas ideias e isso promove a construção de um processo de descoberta de várias maneiras de produzir a diferença docente. É através do olhar do outro, do modo de agir, de se relacionar com os alunos e com a escola que o outro aprende e consegue experimentar a docência como explicita a autora:

A ação de compartilhar traz tensões para ambos os docentes, pois é a exposição mais íntima e detalhada de suas crenças pedagógicas, é o embate entre a proposta planejada para o aluno e a concretização da mesma (...) assumindo riscos, realizações e fracassos no coletivo da turma (...) cada um dos professores passa a fazer a desconstrução do seu modo de ser docente para construir outro. (p. 269)

Porém, as dificuldades que surgiram no início, durante a constituição do grupo, foram dando lugar à seriedade que o trabalho docente exigia. O reconhecimento do trabalho em grupo e de coletividade foi ganhando espaço e o respeito à diversidade de grupo e a docência compartilhada promoveram novos significados para as integrantes do projeto, como diz uma das bolsistas em seu memorial: “passaram-se dois anos de docência compartilhada, de experiências divididas, percepções e aprendizagens, eu

²¹ Artigo escrito pelas professoras da Faculdade de Educação: Clarice Salete Traversini, Maria Luisa Merino de Freitas Xavier, Maria Bernadette Castro Rodrigues, Maria Isabel Habkcost Dalla Zen e Nádia Geisa Silveira de Sousa.

não saí a mesma pessoa e definitivamente meus colegas também não”. (FERNANDES, 2012, p.60). Outra bolsista expressa a experiência de vivenciar o PIBID Pedagogia ao dizer que

“O PIBID é um presente para mim, é praticamente uma segunda família. (...) É lá que, quase diariamente, nós nos encontramos, conversamos, debatemos, escrevemos, planejamos, refletimos, nos apoiamos, trocamos experiências, dicas, conselhos e confortos” (MONSÚ, 2012, p.29).

A docência compartilhada não só foi uma experiência de dividir tarefas entre os bolsistas, mas também, foi uma espécie de preparação para aprender a considerar a diversidade, constituindo-se um exercício de perceber a docência, o planejamento, a vida pela ótica de outra pessoa.

4 ITINERÁRIOS DA PESQUISA

Este capítulo está organizado da seguinte forma: primeiro situo o estudo apresentando ao leitor, explicando que se trata de uma análise de cunho qualitativo, um estudo de caso, que envolve um grupo específico com um número de participantes previamente escolhidos; após apresento os sujeitos da pesquisa, situando o contexto e os motivos que me levaram a tal escolha; na sequência apresento as entrevistas como foi pensada e estruturada para a produção de dados e sua aplicação, bem como, faço referências a outros detalhes, como local onde foram realizados os encontros.

Para a realização de um trabalho investigativo, é importante definir qual tipo de abordagem será adotada, esclareço que esta pesquisa é, então, qualitativa e sugere um estudo de caso porque investiga-se um grupo de pessoas que participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – e são alunas egressas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Logo constituiu-se uma pesquisa acerca de um determinado grupo considerado um tema delimitado e, assim, tem seus “contornos claramente definidos” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986 P. 17). Este estudo pode se assemelhar a outros já pesquisados, pois trata sobre formação docente, porém, é singular e único, porque, em alguma medida, se distingue dos demais estudos em função do tratamento conferido aos dados, ao olhar de pesquisador.

Cumprido notar que, para realizar o estudo de caso com abordagem qualitativa, o pesquisador precisa estar em contato com o objeto de estudo, pois “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo”. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986 p. 11) o que se aplica no meu caso porque fui bolsista do programa e conheço os sujeitos da investigação. Outra característica referente a esse tipo de pesquisa são as várias possibilidades de produção de dados, vali-me da entrevista semiestruturada, chamada de “compreensiva” por Nadir Zago

(2003, p.295) que julgo ideal para produzir os materiais para serem analisados. Nas palavras da autora:

(...) permitir a construção da problemática de estudo durante seu desenvolvimento e nas suas diferentes etapas. Em razão disso, a entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar a investigação. (ZAGO, 2003 p.295)

A entrevista semiestruturada permite uma conversa guiada e pautada em assuntos que são importantes para discutir as questões que irão ao encontro da investigação “(...) a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 34). Entretanto, é importante salientar que essa estrutura permite intervenções por parte da pesquisadora para acrescentar outras perguntas que se desencadearam durante a entrevista, contribuindo, assim, com novas informações, que podem ser significativas para acrescentar na pesquisa, que surgem nos diálogos.

Com esse recurso da entrevista, organizei alguns desdobramentos sobre a investigação e procurei constituir os eixos e ou blocos analíticos. Por último, cabe ainda dizer que, os estudos de caso tendem a “representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes em uma situação social”. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986 p. 20). E isso eu pretendo trazer, também, como um eixo de análise da minha pesquisa, pretendo convergir as diferentes relatos e transformá-las em categorias de análise, colocando as opiniões divergentes, considerando a opinião dos pesquisados e colocando em prática o meu ponto de vista sobre a questão.

4.1 DOS SUJEITOS...

Como já mencionado, é de conhecimento do leitor que esse trabalho foi realizado devido a minha inserção como bolsista de iniciação à docência cuja formação docente perpassou um período significativo, em que atuei no PIBID Pedagogia desde o início do meu ingresso na UFRGS. O interesse pela investigação é pelo fato de eu ter

participado do projeto PIBID Pedagogia por três anos e de conhecer as participantes que serão objeto de estudo de caso.

Nessa perspectiva, como o PIBID é uma política de formação docente inovadora em que os estudantes podem experimentar a docência, constatei a importância de investigar um grupo de bolsistas que pudessem contribuir na análise. A pesquisa tem a finalidade de compreender em que medida a formação oportunizada pelo PIBID deixou marcas na trajetória docente. Nesse sentido, interessa investigar de que forma as práticas desenvolvidas no tempo em que estiveram no PIBID comparecem no exercício da docência, ou seja, em seu ambiente de trabalho atual. Abaixo apresento um panorama das bolsistas egressas²²

Quadro 1: os sujeitos da pesquisa

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Tempo que permaneceu no PIBID Pedagogia</i>	<i>Ano de conclusão da graduação</i>	<i>Atuação profissional atual</i>	<i>Formação continuada</i>
KABÁ DAREBU	31 anos	2 anos e 1 mês	2012	Professora Educação Infantil berçário/ creche da UFRGS	Psicopedagogia e da tecnologias da informação
AQUABE	24 anos	1 ano e 6 meses	2012	Professora Educação Infantil maternal II/ creche da UFRGS	Psicopedagogia e da tecnologias da informação
MNEMÓSINE	26 anos	2 anos	2013	Desempregada	Se preparando para ingressar no mestrado, cursa uma disciplina Pec na linha teórica memória.
IZEGBE	26 anos	9 meses	2012	Professora Educação Infantil Jardim B/ Creche da Ufrgs	Psicopedagogia e da Tecnologias da Informação

²² Os nomes escolhidos são fictícios para o sigilo do nome das entrevistadas. É importante esclarecer que os nomes foram escolhidos por elas e são carregadas de significados, evidenciando marcas no PIBID. Explico o motivo da escolha dos nomes no subcapítulo 4.4 deste trabalho.

Assim, apresento então os sujeitos da pesquisa que são quarto ex-colegas do programa PIBID Pedagogia, egressas do Curso de Pedagogia, e que estão distanciadas há pouco tempo da Universidade, inseridas em outros espaços de estudo e profissionais. Acredito que seja bem importante esse distanciamento dos sujeitos da pesquisa, tanto do PIBID quanto da Universidade para a viabilidade da pesquisa. Esse tempo de afastamento permite, talvez, avaliar melhor as aprendizagens construídas durante o tempo de trabalho no PIBID e suas possíveis implicações em seu fazer docente. Sendo assim, as bolsistas egressas podem associar ou dissociar seus conhecimentos adquiridos, durante o tempo que estiveram no Programa de Iniciação à Docência, de suas práticas atuais. É importante destacar que as bolsistas permaneceram de um a dois anos no projeto, considerando que o Programa é novo, teve seu início na UFRGS em 2010, portanto, as pesquisadas tiveram um importante papel dentro do PIBID Pedagogia.

A faixa etária das professoras entrevistadas está entre 24 a 31 anos. Kabá Darebu e a Mnemósine entraram juntas no início do Projeto e tiveram, desde o início, as formações sobre a temática indígena o que acarretou um maior contato com esta cultura a partir das formações que tivemos com a professora Maria Aparecida Bergamaschi. Também elas ajudaram na construção do PIBID, na organização e constituição de grupo. Outro detalhe importante é que, também, ambas permaneceram por mais tempo no Projeto, dois anos, o que possibilitou uma maior experiência na sua trajetória e formação docente. Aquabe entrou no meio do Projeto e não teve a mesma oportunidade de ter a experiência de concretizar o PIBID, como suas colegas, e também não teve a mesma preparação inicial sobre a temática indígena. Ela precisou se apropriar aos poucos, pois quando ela ingressou as bolsistas já estavam indo para as escolas. Mesmo assim, Aquabe não encontrou dificuldades em trabalhar a temática porque ela rapidamente se inteirou do assunto, como ela relata no trecho selecionado da entrevista:

Eu nem conhecia a lei, 11.645/2008. Quando a Cida começou a falar dos indígenas na reunião que a gente fez eu estava super por fora, mas desde ali, eu comecei a querer saber mais o que que era o PIBID. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro/2013).

E Izegbe se inseriu no Projeto quando o grupo PIBID já estava formado e as bolsistas estavam atuando há quase um ano nas escolas. Nessa etapa, já estava sendo trabalhado o eixo principal do PIBID Pedagogia que é a Diversidade Cultural, cujo primeiro momento focou-se na temática indígena e no segundo momento foi envolvido pela temática afrodescendente, o que permitiu uma aproximação entre as duas culturas. Izegbe relata que foi muito incentivada a se inscrever no PIBID por uma colega participante do Projeto.

Essas aproximações entre partícipes são comuns no Projeto, pois como o PIBID é uma proposta nova que tem o objetivo de inserir os estudantes iniciantes na docência, é comum que as bolsistas indiquem a bolsa para suas colegas mais próximas, como foi meu caso, por exemplo, pois eu indiquei o PIBID para minhas colegas de semestre.

É importante destacar ainda, que essas aproximações entre as ex-bolsistas continuaram após o PIBID Pedagogia. Três das entrevistadas trabalham no mesmo local, na Creche da UFRGS, e fazem o mesmo curso de pós-graduação em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação. Isso me faz refletir sobre o quanto são importantes as parcerias que se constroem ao longo do curso de graduação. É importante as pessoas se identificarem nos grupos, isso possibilita a construção de vínculos permeados pelos afetos, criam-se amizades que podem ultrapassar os limites da Universidade. A experiência de trabalho, a confiabilidade e a amizade entre as ex-bolsistas, proporcionados pela experiência no PIBID promoveu uma espécie de união entre elas. Isso se reflete atualmente no ambiente de trabalho e na continuação dos estudos buscando a qualificação do trabalho docente. Percebe-se que foi possível estabelecerem essa aproximação com o mundo do trabalho e a formação continuada por haver uma relação de confiança, construída a partir das vivências no PIBID.

Entretanto, há exceções, como o caso de Mnemósine, que tem projetos distintos, escolheu outras formas de aperfeiçoamento e busca para o trabalho. Ela pretende fazer o Curso de Mestrado em Educação, e, para isso, está se qualificando,

ou seja, fazendo uma disciplina PEC²³ e estudando as bases teóricas que deseja pesquisar, já que é sua segunda tentativa de ingressar no mestrado. Nesta segunda tentativa, optou em se aproximar na linha teórica que se aproxima a uma das temáticas que foram trabalhadas no PIBID Pedagogia, a memória.

Estou de novo me preparando e fazendo outra disciplina PEC e a alinha teórica é a mesma que nós estudávamos no PIBID é memória sobre a história da educação, então, tem tudo a ver com os professores do PIBID continuar o estudo na mesma linha. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

Cumprir notar que Mnemósine está se qualificando para atingir um de seus objetivos que é passar na pós-graduação e fazer um mestrado na UFRGS, por isso, ela está esperando a melhor oportunidade para se incluir no mundo do trabalho. Ela não descarta a possibilidade de trabalhar, mas está indo com calma e analisando as melhores oportunidades.

4.2 DO AMBIENTE...

Interessante comentar os lugares em que foram realizadas as entrevistas. Das quatro participantes, duas puderam ir até a Faculdade de Educação [FACED], e as outras duas, eu precisei ir até o local de trabalho, devido à falta de tempo delas em ir até ao meu encontro. Essas entrevistadas, em que eu precisei ir ao seu ambiente de trabalho, estavam com um tempo mais limitado para dar seu depoimento, Aquabe, por exemplo, teve que pedir para se ausentar por um determinado tempo da sala de aula. Já a Izegbe estava no seu intervalo, mas precisava fazer o planejamento das suas atividades juntamente com a outra professora com quem divide a turma em regime de

²³ Programa de Extensão continuada. PEC- é uma possibilidade que o programa de Pós-Graduação da FACED oferece a alunos que desejam cursar disciplinas antes do ingresso oficial como alunos do mestrado ou doutorado.

docência compartilhada. O encontro com as duas professoras foi realizado em um local fechado, o que permitiu, de certa forma, que a entrevista fosse tranquila, sem pausas. O local estava de acordo, dentro do que foi possível, porque elas estavam em seu ambiente de trabalho, por isso, as professoras tinham o tempo limitado para dar seu depoimento, mas apesar disso, a entrevista ocorreu sem que houvesse interrupções.

As outras duas entrevistadas que puderam ir até a Faculdade estavam com o tempo mais disponível. As entrevistas aconteceram em uma sala da Universidade, pois como, atualmente, sou monitora do estágio de Docência da professora Maria Isabel Dalla Zen, pedi autorização para usar a sala utilizada por ela e por mim enquanto monitora. Realizar as entrevistas nessa sala possibilitou uma maior descontração das entrevistadas, pois não houve interrupções que poderiam acontecer se a entrevista tivesse acontecido nos corredores da FACED ou no Bar do Antônio, ou até mesmo, ao ar livre, pois haveria interrupções de pessoas passando, pessoas conhecidas que param para conversar, ou seja, não seria adequado realizar a entrevista em qualquer lugar. Neste sentido, Zago explica que:

O local é uma condição importante na produção de dados, podendo facilitar ou produzir constrangimentos. Os efeitos dessa escolha serão certamente distintos se o encontro ocorrer na casa do informante, na escola ou no seu local de trabalho. (ZAGO, 2003, p. 298)

Neste caso, a escolha do local foi bem importante para o desenvolvimento da entrevista, pelo ambiente ser favorável por causa do silêncio e também pela possibilidade de uma maior entrega na entrevista sem ter interrupções. Outro detalhe importante é que duas das participantes puderam visitar o lugar que passaram muito tempo na graduação, um lugar em que vivenciaram e experienciaram a docência, um lugar de memórias recentes que remete as lembranças de um tempo que passou, mas que as marcas estão enraizadas nas suas vidas. A FACED é um evocador de memórias, e isso também influi na qualidade da narrativa das professoras.

4.3 DAS ENTREVISTAS...

Ao optar pela entrevista como recurso de produção de dados, pensei justamente no valor que esse procedimento traria à pesquisa, principalmente nas interações e intervenções com as depoentes porque a “entrevista expressa realidades, sentimentos e cumplicidades que um instrumento com respostas estandardizadas poderia ocultar, evidenciando a real a infundada neutralidade científica daquela pesquisa” (Zago, 2003, p. 301), sendo assim, permite que se esclareça o que os narradores quiseram dizer com determinado assunto.

Para chegar aos temas que seriam abordados na entrevista fiz uma imersão do que seria necessário que fosse abordado na conversa, objetivando uma ligação com o objetivo do estudo, que pudesse efetivamente proporcionar maiores subsídios para fazer as análises. Dessa forma, cheguei as questões que vão ao encontro com o que quero pesquisar, que são as possíveis marcas do PIBID nessas ex-bolsistas.

Importante destacar que para o sucesso da entrevista é extremamente necessário que se crie um ambiente confiável de reciprocidade e combinações prévias se fazem necessárias. Por isso, questões como o anonimato dos sujeitos da pesquisa, o local onde se realizará a entrevista, e o tempo necessário para a realização da mesma devem ser cuidadosamente avaliadas pelo pesquisador. Ainda, é importante ler e comentar previamente o roteiro das perguntas, para que saibam sobre o que será a eles abordado. Esses detalhes são bem importantes e é, também, uma maneira de diminuir a tensão que se cria quando uma pessoa concede seu depoimento. Em relação ao anonimato, deve-se também combinar com o sujeito entrevistado e necessariamente respeitar sua vontade.

As entrevistas foram gravadas, o que gerou um certo desconforto por parte das entrevistadas. Estar diante de um gravador pode intimidar os sujeitos da pesquisa, e isso pode acarretar em fugas, esquecimentos de situações vividas que poderiam colaborar com a pesquisa. Estar diante de um gravador pode ter promovido constrangimentos diante desse suporte, de um modo geral, gaguejaram, a voz ficou trêmula, o que denota que realmente esse artefato é um inibidor, entretanto, necessário

para poder capturar as vozes de pessoas fundamentais para o desenvolvimento da investigação.

Tendo em vista tais situações que podem inibir a entrevistada há de se ressaltar a importância de criar uma relação de confiança para realizar a entrevista e ter um cuidado no momento de conduzir a conversação, confirmando Zago que argumenta:

O grau de implicação do informante depende muito da confiança que ele deposita na pessoa do pesquisador e, evidentemente, de como se sente na situação da entrevista. Garantir essa qualidade tão necessária não é tarefa simples, uma vez que em seu desenvolvimento vários fatores estão implicados, parte deles relacionados à pessoa do pesquisador (curiosidade, criatividade, discrição, simplicidade, etc.) e outros que extrapolam a sua atuação. (ZAGO, 2003, p. 302)

Ao realizar as entrevistas é preciso estar atenta a todos os detalhes em torno das perguntas como, por exemplo, as pausas, as risadas, as dúvidas, os olhares, os gestos, as diferenças de entonação da voz, e que surgem ao longo do tempo em que a conversa desenrola. Outro detalhe importante é dialogar com o entrevistado de forma que ele seja o centro do diálogo porque “É preciso não esquecer que é do entrevistado o lugar central do encontro e, por isso mesmo, um elemento fundamental é a manifestação de interesse pela sua pessoa e pelo seu discurso” (ZAGO, 2003, p.303). Ou seja, é necessário dialogar com a entrevistada, mas ao mesmo tempo, é importante que ela seja o centro da entrevista, é importante que o depoente fale mais que o pesquisador.

Para dar início, comecei interagindo com as colegas, procurando deixá-las mais a vontade e, depois entreguei um termo de consentimento livre e informado [TCLI], este documento está nos apêndices, para informá-las sobre sua participação e colaboração na pesquisa.

Após, firmar o sigilo dos nomes das participantes e após terem lido o [TCLI] fiz a leitura das sete perguntas semiestruturadas para que elas se inteirassem do assunto, além disso, esclareci do que se trata a pesquisa falando do tema central desse trabalho. Essa preparação para a entrevista é importante, pois desde o início deve-se esclarecer os objetivos da pesquisa conforme esclarece Zago “Esses esclarecimentos e

compromissos fazem parte do acordo inicial entre pesquisador e pesquisado, que é preciso respeitar (Zago, 2003, p. 303). Na sequência, dei início à conversa com as indagações. Foi preciso criar um ambiente confiável para que as entrevistadas ficassem mais a vontade com as perguntas “[...] é importante atentar para o caráter de interação que permeia a entrevista” Lüdke e Menga 1986.

(...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões. (p. 33)

Neste caso, acredito que por ter sido colega das entrevistadas durante o PIBID, a interação não foi problema, porque nos conhecemos e isso facilitou a atmosfera da entrevista e contribuiu para o andamento da pesquisa. Também por elas terem passado pela experiência de fazer um Trabalho de Conclusão de Curso [TCC], isso criou uma espécie de solidariedade e colaboração para o trabalho.

4.4 Devolução das entrevistas e escolhas dos nomes

Para reafirmar o compromisso com os sujeitos da pesquisa, foi combinado que eu faria a devolução da entrevista após a transcrição da mesma. As participantes puderam ler sobre o que haviam dito na entrevista e ficou combinado que poderiam ocultar ou acrescentar alguma informação, caso fosse necessário. A devolução foi feita por *e-mail* e houve poucos acréscimos de informações e o que foi preciso ser retirado ou arrumado foram os vícios da língua falada, na escrita, pois falamos de um jeito e escrevemos de outro. Por isso, foram retiradas algumas pronúncias da fala como: Néh, hã, assim, e outras que se repetiam constantemente.

Ainda, para garantir a ética na pesquisa e o sigilo das informações, o nome das participantes foi preservado garantindo-lhes o anonimato, para isso, utilizei nomes fictícios escolhidos por elas. Propus que cada participante pensasse em um nome que teria mais proximidade com as aprendizagens do PIBID, do que foi mais significativo de suas aprendizagens e vivências no Projeto. A escolha do nome foi enviada por *e-mail*.

Cada uma escolheu um nome que carrega muitos significados de suas aprendizagens no PIBID. **Kabá Darebu** (2002), personagem de um livro de Daniel Munduruku. A entrevistada escolheu este nome porque é o nome de um livro indígena muito apreciado por ela e seu grupo na escola em que participou. Para ela a temática indígena ficou muito enraizada nas vivências e aprendizagens proporcionadas pelo Projeto. A escolha do nome de **Aquabe** é de origem Charrua, se deve a aproximação à temática indígena trabalhada. Esse nome foi escolhido devido a uma saída de campo na comunidade Charrua, em uma disciplina que aborda sobre o tema, chamada “Povos Indígenas e Educação”, ministrada pela professora Cida. Ela escolheu Aquabe por ser o nome da “Cacica”, dessa comunidade, e quer dizer mulher guerreira, forte e que batalha muito. A pesquisada teve essa impressão da indígena Charrua, de mulher guerreira e por isso ela se identificou com o nome.

Já o nome **Mnemósine**, alusivo à deusa da memória, foi escolhido por conta das formações que tivemos sobre memória, a entrevistada escolheu este nome devido sua afinidade com esse tema que perpassou as aprendizagens no PIBID e que permitiu uma aprendizagem para além do Programa, pois trabalhar a memória também foi um conhecimento de si, para sua vida. Por último, a escolha do nome **Izegbe** foi devido a aproximação com a temática afrodescendente, o qual a pesquisada teve maior contato no Projeto. O nome foi escolhido após uma pesquisa na *internet* sobre nomes africanos. A entrevistada queria achar um nome que a identificasse com a temática afrodescendente que foi trabalhada na escola e que, ao mesmo tempo, tivesse em comum com a sua vida. Ao encontrar esse nome *Izegbe*²⁴ ela se identificou com o significado do nome que quer dizer “criança longamente esperada”. Ela contou que sua mãe sempre lhe contava sobre seu nascimento, de que ela foi muito esperada, porque sua mãe tentou engravidar por “longos sete anos” e que depois que ela se conformou, ela foi concebida. É devido a essa semelhança do nome com sua história de vida e por ser de uma temática que a marcou muito que esse nome foi escolhido.

²⁴ Disponível no site <http://www.nomesafricanos.xpg.com.br/>

5 EXPERIÊNCIAS QUE MARCARAM NO PIBID PEDAGOGIA: APRIMORANDO O FAZER DOCENTE

Neste capítulo, identifico e analiso as marcas deixadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência nas bolsistas egressas do Curso de Pedagogia. Abaixo algumas informações sobre a pesquisa realizada, alguns apontamentos para iniciar a reflexão.

Quadro 3: Algumas pistas para iniciar as análises

<i>Nomes</i>	<i>Quais as marcas deixadas pelo PIBID</i>	<i>Atuação docente nas escolas conveniadas ao PIBID</i>	<i>Motivo da escolha de ser bolsista do PIBID</i>
KABÁ DAREBU	<ul style="list-style-type: none"> -Docência Compartilhada; -Autonomia; -Temática Indígena; -Formação docente sobre as temáticas trabalhadas nas escolas; -Escrita de artigos e dos dois livros. 	<ul style="list-style-type: none"> -O grupo foi sempre muito bem recebido, tanto pela coordenação, como pelos professores e pelos alunos que adoravam o PIBID. -Planejamento semanal, -Experiência na sala de aula. 	Porque o PIBID junta a pesquisa um trabalho científico acadêmico e também dava a oportunidade de estar inserido na sala de aula com os alunos.
AQUABE	<ul style="list-style-type: none"> -Docência Compartilhada; -Formação docente: oportunidade de formação pelas professoras da UFRGS envolvidas no Projeto; temática indígena e memória; -Experiência em apresentação de trabalhos em outras Universidades. (UNIPAMPA e UNISSINOS) -Autonomia e comprometimento das bolsistas. 	<ul style="list-style-type: none"> 1ªEscola: dificuldade de a escola entender o programa PIBID e de aceitar as bolsistas 2ªEscola: Aceitação e colaboração da supervisora e professoras. 	- Porque queria saber o que era o PIBID, o que faziam, e descobriu que era um programa inovador que estava iniciando na Pedagogia.

MNEMÓSINE	<p>-Docência compartilhada;</p> <p>-Autonomia;</p> <p>-Formação Docente: <u>Temática Indígena e memória (que mais marcou a sua formação)</u></p>	<p>1ª escola: autonomia não dada as bolsistas e planejamento único para todas as turmas (o contrário da proposta do PIBID).</p> <p>2ª escola: Aceitação das propostas do projeto e das bolsistas. Porém, tratamento diferente à bolsista ao realizar o estágio da 7ª Etapa do curso.</p>	<p>-O que mais chamou a atenção foi a questão da prática de poder iniciar a docência</p>
IZEGBE	<p>Formação Docente: encontros semanais nas reuniões; fazer planejamento; formação com as bolsistas mais antigas no projeto;</p> <p>- O retorno à sala de aula (pois não queria mais atuar dentro dela);</p> <p>- conhecer a Lei 11.645 a obrigatoriedade de ensinar a temática Indígena nas escolas</p> <p>- autonomia</p>	<p>- Ir para a escola e colocar em prática o que foi planejado nos encontros, “era o dia mais feliz”.</p> <p>-Atividades diferentes do currículo escolar, por exemplo, O teatro que o grupo PIBID fez com os alunos na escola sobre a música “Pindorama” do grupo Palavra Cantada.</p> <p>-Possibilidade de levar novos conhecimentos para os professores da escola</p>	<p>-Porque ouvia muito uma colega que estava no PIBID falar muito bem do Programa. Por muito tempo ela foi bolsista sem atuar diretamente na sala de aula, já não se via mais dentro da escola, nem sabia o que iria fazer com o diploma de pedagogia. Mas ao ingressar no PIBID e ir para escolas encantou-se com a sala de aula novamente.</p>

5.1 A escolha pelo PIBID Pedagogia: alguns apontamentos

É interessante notar os diferentes motivos que levaram as ex-bolsistas do PIBID a ingressar no Projeto. Primeiramente, como já mencionado, o Programa era novo na UFRGS, inédito, e por isso, poucas graduandas do Curso de Pedagogia fizeram a inscrição para entrar no PIBID. Lembro-me que na época [2010] abriram-se vagas para 15 bolsistas, mas 11 fizeram a inscrição [inclusive eu] e todas entraram nessa primeira seleção. Também é importante ressaltar que no Curso de Pedagogia, há muita oportunidade de bolsas de pesquisa e bolsas administrativas e, também, em escolas de Educação Infantil para as futuras pedagogas. Por isso, Cada ex-bolsista relata de forma diferente os motivos que as levaram até o PIBID:

Kabá Darebu diz que é porque a proposta era interessante por aliar a pesquisa com a prática na sala e que o seu interesse sempre foi ficar na sala de aula com os alunos:

Quando eu fiquei sabendo do PIBID e que juntava essas duas coisas que ao mesmo tempo que ia ter uma pesquisa que ia ser desenvolvido um trabalho mais assim científico acadêmico aqui dentro da FACED também nos dava a oportunidade de estar inserido na escola de estar mesmo com as crianças, com os alunos, por isso, que eu acabei escolhendo o PIBID. (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

Aquabe relata que achou interessante o Projeto, por ser inédito e inovador na Pedagogia, além disso, queria saber o que era o PIBID, ficou curiosa em saber o que se fazia no Projeto:

Bom... No primeiro momento eu nem sabia o que era o PIBID. Eu lembro que quando eu fui saber na COORLICEN sobre a vaga do PIBID, eu perguntei informações e o que eles faziam. Daí o rapaz falou “eles fazem muitas reuniões de durante a tarde”. Eu queria entender um pouco o que que era o PIBID e, como assim? Fazer reuniões? Mas eu achei interessante. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

Mnemósine menciona que o que mais a chamou atenção foi a possibilidade de estar incluída na sala de aula, de iniciar a prática, a docência:

Bom, o PIBID quando ele iniciou eu lembro, assim, que a professora passou na sala pra avisar que ia fazer a seleção e explicar um pouco do PIBID, a gente não tinha nem ideia, eu não tinha nem ideia do que seria o PIBID eu estava com outra colega e eu lembro que na mesma hora a gente se levantou, a gente saiu da aula pra se inscrever, pra tentar a seleção. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

E, por fim, *Izegbe* relata que escolheu entrar no PIBID por ouvir uma colega falar muito bem do Projeto, e principalmente, porque ela estava afastada da sala de aula e viu no PIBID a possibilidade de se “encantar” novamente. Ela não queria mais trabalhar na sala de aula e não sabia o que fazer com a graduação.

Eu não quero trabalhar com escola, eu não sei o que vou fazer com essa pedagogia!

Aí surgiu o PIBID, a minha colega falava muito do PIBID, e daí pensei, já que surgiu as inscrições pra fazer a seleção e tudo, eu vou tentar. Tentei e passei na seleção, daí ingressei aí comecei a me apaixonar novamente pela escola, pela sala de aula, pelas crianças. (Izegbe, entrevista em 16 de outubro de 2013).

O Relato de Izegbe faz refletir o quanto o PIBID foi importante para ela se encantar com a profissão, com a docência, e cumpre com um dos objetivos do Programa que é inserir os professores iniciantes e dar a oportunidade de o professor se encantar pela docência, de se experimentar, de se inserir na sala de aula e conhecer o espaço escolar no início da graduação. Ao analisar os motivos que cada uma das pesquisadas entraram no Projeto, percebo que elas tinham um ponto em comum de estar dentro da sala de aula exercitando a docência.

5.2 Notas importantes: engajamento das escolas, algumas impressões...

Estar dentro da sala de aula não foi algo tão simples assim. No início, muitas bolsistas ainda não sabiam ao certo o que era o PIBID. Estávamos construindo juntas, coordenadoras e bolsistas, o PIBID Pedagogia. Durante três meses, tivemos formações sobre a temática indígena e também estávamos nos constituindo enquanto grupo, apreendendo mais sobre o Projeto e seu funcionamento. A inserção nas escolas, as que participaram no início do PIBID, ocorreu paralelamente às formações, para que houvesse, desde o princípio, um estreitamento entre bolsistas e escola. Mas, mesmo assim, algumas supervisoras do Projeto na escola, direção e professoras, não sabiam exatamente o que era o PIBID e tampouco entendiam as propostas levadas para as turmas. O motivo do estranhamento de algumas professoras e gestoras, em geral, se deve pela falta de compreensão de uma das características do Projeto. Ou seja, porque as atividades pensadas para o grupo de alunos eram diferenciadas das práticas curriculares, pois fazíamos em forma de oficina e valorizávamos vários lugares como o

pátio com as brincadeiras e jogos lúdicos, a sala de informática e outros. As escolas, de um modo geral, não compreendiam os objetivos do PIBID.

Em uma das escolas conveniadas, a supervisora indicada pelo PIBID para auxiliar as bolsistas na escola, não aceitava a forma que as propostas que as bolsistas apresentavam. Nesta escola, houve alguns problemas e tiveram que modificar seu modo de planejar em função da escola:

Como a gente tem uma proposta de ter mais autonomia com os alunos e tudo mais isso incomodava um pouco a escola, no sentido de ordem de ficar sentado, de cópia e tudo mais, então, reclamavam muito de bagunça na turma e ao mesmo tempo nosso planejamento era o mesmo para todas as turmas. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

O PIBID na escola, era um projeto novo, a gente conseguiu levar eles pro museu, então, foi bem bacana. Mas ao mesmo tempo, tinha as dificuldades da escola aceitar as bolsistas e iniciar essa docência ali foi um pouco complicado na questão da gestão da escola. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

Para as profissionais desta escola, pareceu ser difícil entender a proposta do PIBID, por elas acharem que as alunas de Pedagogia, as bolsistas, estavam na escola para fazer um reforço escolar. A gestão dessa instituição sabia da proposta diferenciada do Projeto, mas isso não foi garantia de que se cumprissem os planejamentos diferenciados da forma que era esperado pelo programa. O Projeto era bonito de se ver no papel, não na prática.

Ela [se referindo à supervisora do PIBID na escola] queria o PIBID, ela teve a informação do que era o PIBID, mas na hora ela não queria o PIBID ela queria que a gente desse uma aula de reforço, somente, então, isso faz analisar que, às vezes, as escolas estão aceitando o PIBID, mas não quer dizer que ela esteja de fato querendo o PIBID e entendendo o PIBID, que é muito bonito tu dizer que tem um projeto da UFRGS na tua escola, com bolsistas estudantes de pedagogia lá desenvolvendo o projeto sobre temática indígena, sobre memória, sobre alfabetização e letramento, enfim, mas, isso não quer dizer que elas estão engajadas de fato com o projeto PIBID. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

De fato, as duas bolsistas não tiveram uma boa experiência nesta escola, elas eram colegas e desenvolviam o mesmo trabalho na instituição. Fica claro que nesta instituição foi difícil colocar em prática as propostas de trabalho pensadas por elas. Posso contribuir, também, com a minha experiência na primeira escola em que participei no PIBID. Concordo com Mnemósine quando ela diz que a escola tinha o interesse de as bolsistas trabalharem com aulas de reforço.

Lembro-me que muitas professoras questionavam a nossa inserção na escola, como que se não acreditassem no que planejávamos para os alunos, como se fosse uma perda de tempo. Muitas diziam que eles precisavam de mais atividades de Língua Portuguesa, de Matemática, e estranhavam a temática indígena que foi longamente trabalhada, pois não era a semana do dia do índio, então por que trabalhar tanto esta temática? É importante destacar que a Lei 11.645 que obriga o ensino da temática indígena nas escolas, é recente, e que muitas escolas, na época que iniciou o PIBID, desconheciam a legislação. Importa ainda destacar que a escola permaneceu pouco tempo no Projeto, e que as bolsistas foram designadas para outra instituição. As experiências e vivências no PIBID foram múltiplas e cada uma tem uma impressão da receptividade da escola em relação ao Projeto. Nesta outra escola, destacam-se as boas experiências destacadas pelas ex-bolsistas.

Ao longo do tempo o PIBID foi sendo compreendido pelas bolsistas, professoras, gestores e alunos, e aos poucos, foram se estabelecendo as parcerias entre as bolsistas e a comunidade escolar. Uma das escolas que iniciou no Programa permaneceu e as outras duas escolas não foi possível dar continuidade devidos à falta de compreensão dos objetivos do PIBID. Essa foi a única escola que recebeu bem a proposta do PIBID desde o início.

Na segunda escola a gente teve um apoio maior da gestão, tudo o que a gente solicitava, a gente pedia, a gente tinha, a gente conversava, enfim, tinha muito apoio, era muito bem acolhida na escola, enquanto grupo também, nosso grupo se deu super bem nessa escola enquanto as bolsistas trabalhando junto. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

Era muito bom, assim, a receptividade como eu falei a minha escola a gente sempre foi muito bem recebido, tanto pela coordenação, como pelos professores e pelos alunos, que adoravam, era uma festa dia de PIBID na escola. (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

Depois que eu mudei de escola eu fiquei mais feliz. As gurias que já estavam lá me acolheram muito bem, e muito bem mesmo! Foi muito legal nessa parte de estar lá, as crianças também adoravam, mesmo que a escola era, as vezes, um pouco resistente achando que a gente era da informática, depois a gente foi explicando melhor o projeto, o que a gente ia fazer, construir mesmo essa ideia das crianças, do PIBID, dos indígenas, enfim, a gente conseguiu fazer um trabalho bem legal. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

Os alunos tiveram um papel fundamental para incentivar as bolsistas a continuar no Programa, de fazer que a cada semana elas pensassem e elaborassem materiais e atividades diferentes que instigassem os alunos a apreenderem sobre as temáticas trabalhadas. Isso se evidencia no depoimento de Izegbe que fala da receptividade dos alunos com o Projeto.

Ir pra escola acho que era o dia mais feliz, a felicidade deles em ver a gente, e o tempo inteiro mostrando uma motivação pra aprender o que a gente tava levando pra fazer, as atividades diferenciadas, era muito caderno, muito quadro, giz e caderno, e a gente tava levando tinta, brincadeira no pátio, brincadeiras indígenas que a gente levou para eles, atividades com tinta a gente levou pra fazer pintura no mapa da África, então, foi muito trabalho, eram coisas muito diferentes do que eles tinham no dia-a-dia, então eles adoravam e mostravam que estavam felizes em estar participando. (Izegbe, entrevista em 16 de outubro de 2013).

5.3 A formação docente: as marcas que ficaram

Nesta etapa do trabalho, busco identificar as várias marcas deixadas pelo PIBID Pedagogia nas ex-bolsistas. As vivências e experiências do tempo em que elas permaneceram no Projeto possibilitaram várias aprendizagens que perpassaram a Universidade e estão arraigadas nas professoras egressas.

5.3.1 Docência Compartilhada: Uma marca forte

A Docência compartilhada é um dos objetivos do Projeto, a iniciação à docência com mais de uma bolsista tem o intuito de que a professora iniciante na escola possa dividir ideias com suas colegas, dessa forma, a futuro docente se sente mais seguro em poder contar com o apoio das colegas. Sabe-se que nas escolas as professoras estão, geralmente, sozinhas e têm que dar conta de tantas demandas, é um desafio constante. Exercitar a docência com um grupo de bolsistas iniciantes faz repensar a profissão professor que é, muitas vezes, solitária (ALMEIDA; BERGAMASCHI 2013). Por isso se reforça a importância da docência compartilhada pelo Projeto, segundo as coordenadoras Cida e Dóris:

Por isso a aposta na docência compartilhada como um dos princípios da formação e iniciação a profissão escolhida pelas bolsistas, que terão em sua bagagem acadêmica uma experiência coletiva, de construções solidárias diante dos desafios diários posto pela escola (...) (Almeida; Bergamaschi, 2013, p.63)

Essa marca, além de ser parte do Projeto, também foi a mais relevante nas professoras entrevistadas, pois as três entrevistadas que trabalham na Creche da UFRGS mencionaram a importância de terem compartilhado a docência no PIBID. Como na Creche elas trabalham com mais de uma profissional, a experiência no PIBID facilitou a convivência com o outro, ensinou a partilhar as responsabilidades, a planejar

atividades em conjunto, a dividir o espaço profissional com outras professoras. Kabá Darebu relata da importância que a experiência de dividir as ideias no PIBID com outras bolsistas, teve em seu trabalho.

A gente trabalha em regime de docência compartilhada e bah! o PIBID fez toda a diferença pra mim porque e eu vejo isso bem forte , assim, com as outras colegas que não tiveram a mesma oportunidade, não digo de trabalhar especificamente no PIBID, mas, de trabalhar antes em docência compartilhada é uma dificuldade, assim, de dividir ideias, chegar a uma conclusão ou de alguém tomar uma iniciativa sabe eu acho que isso o PIBID deu bem forte não digo em questão de liderança mas de pelo menos de iniciativa de pró-atividade , isso o PIBID me deu. (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

A escrita coletiva também que (risos), mas olha eu me divertia! A gente se quebrava para escrever, às vezes, em cinco pessoas, são cinco cabeças pensando e ninguém pensa igual é óbvio, então e isso traz muito assim eu acho que a flexibilidade, de aprender a olha o que o outro tá olhando, aprender a aceitar o que o outro está escrevendo saber que tu não tem a razão absoluta e que a tua forma de pensar e escrever não é a única e isso é uma coisa que eu vejo agora na creche, porque como a gente vive a em docência compartilhada, as avaliações são divididas, cada uma escreve um número de avaliações , assim, escreve no sentido de ser responsável de colocar no papel. (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

A experiência de pensar a docência em uma proposta coletiva também foi muito positiva para a Aquabe, mais uma das egressas do PIBID que trabalha em regime de docência compartilhada na Creche da UFRGS. Da mesma forma, essa marca foi importante para Izegbe pelo mesmo motivo de suas colegas. Ela trabalha na Creche da UFRGS também.

Essa parte da docência compartilhada é um desafio, na creche também trabalho com docência compartilhada e não é em todos os lugares que a gente tem, foi no PIBID que eu comecei a ter essa experiência e eu já vi que é um desafio. Eu até escrevi um texto no meu estágio sobre isso, porque a gente não está acostumada com dois professores e compartilhando mesmo a docência, não tendo a divisão de tarefas a função de auxiliar e professor. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

Eu sou professora do jardim B trabalho com docência compartilhada da mesma forma que eu trabalhava no PIBID. Trabalhava com um grupo com docência compartilhada, mas no PIBID nós trabalhávamos entre cinco, depois quatro, depois a gente ficou em três, foi diminuindo, e hoje eu trabalho só entre duas, é eu e outra professora, com uma turminha de jardim B (...) a gente trabalha com projetos e tudo e muito do que eu fazia no PIBID de atividades diferenciadas eu faço hoje na minha sala de aula. (Izegbe, entrevista em 16 de outubro de 2013).

Mnemósine fala da importância de ter trabalhado com mais de um bolsista na sala de aula, de compartilhar as tarefas e procurar dar suporte um ao outro, pois trabalhar em grupo proporciona várias oportunidades de reflexão, de se distanciar do que está acontecendo no momento da aula e perceber se sua prática está adequada ou não. A docência compartilhada oferece a oportunidade de ter esse convívio com outras professoras que já têm outras experiências dentro da sala de aula, propiciando as novas professoras, várias aprendizagens e questionamentos sobre sua prática.

Eu gostei bastante e acho assim que a docência compartilhada, como é que eu posso te dizer, faz tu pensar muito no que a professora Bela fala nas aulas pra nós “postura de professor” quando tem que dar aquele papo de professor de se colocar na posição de professor e argumentar porque tu tem essa escolha e não outra ou de repente tu está pensando em alguma coisa e a tua colega já observou, de outra e fez tu pensar, não...mas é assim, talvez um reflexo do que a outra diz então, aconteceu muito isso de eu ter uma ideia e mudar por observações de colegas ou, então não, outras não de querer firmar eu acho isso importante, eu considero isso importante, por isso, e daí essa questão de ceder ou não, de argumentar. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

A docência compartilhada foi uma das marcas mais significativas pelo o que eu pude analisar nas entrevistas. Esta vivência proporcionou as ex-bolsistas uma experiência docente única na Faculdade, porque as graduandas do Curso de Pedagogia se inserem nas escolas a partir do 4ª semestre, e mesmo assim, a acadêmica se insere no espaço escolar sozinha, muitas vezes, raro os casos de uma

estudante de Pedagogia que faz com alguma colega do Curso uma mini-prática²⁵ em conjunto, compartilhando a sala, os alunos e as aprendizagens.

5.3.2 Autonomia e comprometimento...

Um ponto bem positivo que pude identificar e também como vivenciei o mesmo período que as ex-bolsistas, posso afirmar que a autonomia foi muito importante no tempo em que estivemos no Projeto. As coordenadoras do PIBID Pedagogia destacam a importância da autogestão que foi possibilitado às bolsistas, destacam que, enquanto coordenadoras do Projeto, organizavam as formações, davam um suporte para que fossem desenvolvidas as atividades, mas destacam a importância da autonomia dos grupos. Em suas palavras, “(...) é importante que cada bolsista e seu grupo consigam exercitar a autonomia na condução do trabalho, sejam responsáveis pela tomada de decisões e valorizados por essas iniciativas” (ALMEIDA; BERGAMASCHI 2013).

Para as bolsistas essa autonomia dada, no princípio, pareceu estranho, por não entender a importância da autogestão, da intenção das coordenadoras no Projeto.

No início eu achei que a gente ficava um pouco solta sabe? Eu achei que as coordenadoras tinham que coordenar o grupo (risos), mas hoje eu vejo que, eu acho que a intenção delas era essa e hoje eu vejo isso como bastante positivo, que me deu pelo menos, não posso falar em geral pelo grupo, embora acredito que tenha sido assim pra todas também uma autonomia muito forte (...) porque é fácil ser mandada, eu suponho que dá muito menos trabalho (risos) quando tu tem que pensar, tu tem que decidir, tu tem que ir atrás, na hora, assim, principalmente quando tu está acostumada a obedecer a seguir o que já está estabelecido dá uma desconforto, assim, dá um, um certo frenesi, como da trabalho, não é fácil, mas hoje eu vejo e como bastante positivo assim, e eu acho um dos pontos mais fortes (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

²⁵ As alunas de Pedagogia começam a se inserir nas escolas a partir do 4^a semestre do Curso. Para realizar a mini-prática o aluno vai uma semana na escola fazer observações do espaço escolar, da professora e alunos da sala de aula e depois planeja uma semana de aula ser executado em uma semana de prática na mesma escola e turma em que observou.

Aos poucos as bolsistas foram percebendo o exercício da autonomia e que o PIBID estava oferecendo este espaço para as futuras professoras, e isso foi um acréscimo para a nossa formação.

Essa questão da autonomia que a gente tinha, acho que foi uma coisa muito importante (...) E essa autonomia, assim (pausa) pode sair buscar um café a gente não ia, assim, dar uma paradinha no trabalho pode sair e tomar um cafezinho e voltar entende? O mundo não vai acabar o teu trabalho não vai se perder essa questão assim de autonomia foi muito importante pra mim não só pelo PIBID ou como professora, mas na vida como um todo. (Minemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

Nas narrativas, aparece bem forte outra marca importante, o comprometimento, que está associado à autonomia das bolsistas que faziam parte do Projeto. Como mencionei anteriormente, eram 15 bolsistas, divididas em três escolas, ou seja, eram cinco bolsistas em cada escola, grupo com subgrupos trabalhando em regime de docência compartilhada. As coordenadoras do PIBID sempre oportunizaram o exercício da autonomia em várias situações, como no planejamento, elaboração de materiais, diálogos com a escola, resolução de conflitos que surgiam, tudo isso era confiado às bolsistas. Muitas de nós levavam a sério essa autonomia, outras não. O que acontecia é que alguns chegavam atrasados para as reuniões, às vezes, não iam para as escolas, muitas vezes não planejavam em conjunto com seu grupo, e isso era motivo de conflitos no grupo, porque apesar da autonomia, havia uma cobrança, prazos a cumprir, planejamentos a fazer e algumas bolsistas mais engajadas se sentiam mais exigidas do que outras.

O que mais me incomodava era o comprometimento de algumas pessoas, a falta de comprometimento, porque tu está ali dentro acho que não é só por receber a bolsa não, tu está ali dentro é para uma formação a mais que tu tem da tua graduação. Não adianta nada tu ir lá, não ir na reunião ou chegar muito atrasada, ou sair, nunca dizer o porquê disso, tu não tá nem aí sabe? E isso me incomodava bastante eu acho que a falta de comprometimento mesmo, porque tu está comprometida, tu esta aí todo dia, tu está participando, daí tu vê e um chegava atrasado, tem outro que não vem nunca, tá, recebe o mesmo salário no final do mês, sabe! (Izegbe, entrevista em 16 de outubro de 2013).

Era difícil, a gente entender os motivos pelos quais os colegas chegavam atrasados, às vezes, por causa do horário, então, ficava perguntando por quê? A pessoa tem uma oportunidade e, às vezes, não tá dando valor que de repente o PIBID mereceria ter esse valor, por ser uma bolsa tão legal e o pessoal, às vezes, chegava atrasado e não se empenhava tanto como eu achava que eu estava me empenhando, então, essa parte eu não gostava muito, da falta do pessoal, de chegar atrasado, da falta de comprometimento das pessoas, (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

Apesar de algumas experiências negativas com o grupo, por se tratar de pessoas completamente diferentes, e isso era um exercício diário para compreender os modos e comportamentos de cada um no grupo, de falta de comprometimento das colegas, se constata que a marca da autonomia que foi dada pelas coordenadoras fez com que as bolsistas valorizassem a tomada de decisões e criassem suas responsabilidades, para além do Projeto, para sua formação docente.

5.3.3 A cultura indígena como destaque do PIBID

Sabemos que a escola prioriza no currículo o ensino da Língua Portuguesa e Matemática nas atividades escolares. O PIBID Pedagogia teve uma característica peculiar de poder contar com duas professoras coordenadoras historiadoras de ofício. Ao elaborar o Projeto visando a Diversidade Cultural como centro das propostas, ficou evidenciado a importância de se trabalhar a história e cultura dos povos indígenas. Essa temática foi ainda mais valorizada e teve como prioridade de ser a primeira a ser trabalhada no PIBID Pedagogia devido a Lei Federal 11.645/2008 que obriga o ensino da cultura indígena no currículo escolar. Almeida e Bergamaschi (2013) afirmam que “Para levar adiante nossa proposta com quinze bolsistas que compuseram o PIBID Pedagogia em sua primeira etapa, o movimento inicial foi tornar a temática indígena central nas atividades de formação” (p. 72).

A importância de conhecer a Lei 11.645 trouxe várias possibilidades às bolsistas egressas, entre elas, realizar um trabalho de conclusão do curso, demonstrando o reconhecimento da relevância do tema. Pensando no PIBID e de uma forma mais ampla importa dizer que nesse semestre, dois Trabalhos de Conclusão de

Curso foram feitos a partir das vivências no Programa, um dos trabalhos, que é este, está pesquisando quais as marcas e experiências deixadas no seu fazer docente em ex-bolsistas e outro TCC aborda os impactos do PIBID na escola.

Bom, até meu TCC eu fiz sobre a temática indígena e com as professoras que eu trabalhei na escola, a memória delas sobre a temática indígena, então, com certeza, o PIBID me tocou de uma maneira que não tem como tu escrever em palavras e resumir, porque é uma coisa que a gente vai levar para vida inteira. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

É importante constatar também, que as bolsistas não conheciam a Lei 11.645/2008, por ser recente e também porque no Curso de Pedagogia o ensino sobre a história e cultura dos indígenas ainda está muito distante da realidade. O currículo da Pedagogia prevê duas disciplinas sobre a História da Educação: História da Educação na Europa e nas Américas, disciplina que o currículo da Pedagogia tem no primeiro semestre do Curso e História da Educação no Brasil, ministrada no quinto semestre. É importante destacar que essas disciplinas valorizam a história dos povos indígenas. Entretanto, há outra disciplina chamada Ciências-sócio-históricas, do sexto semestre que divide as quinze aulas dadas, entre o ensino da Geografia e da História, que acarreta em um ensino fragmentado, sem possibilidade de se aprofundar nenhum assunto. Também temos uma disciplina eletiva sobre os povos indígenas, mas como não é obrigatória, poucos alunos procuram esta cadeira. Esta disciplina é muito importante porque é a partir desses estudos que se pode aprofundar mais sobre a temática indígena.

Conhecer a lei 11.645 de 2008, essa lei, praticamente, não se aprende na faculdade, a gente tinha a cadeira de Políticas da Educação, mas essa Lei não é abordada, como outras Leis também não são, mas se faz uma seleção de o que “é mais importante”, mas exatamente pra quem? E na cadeira de História da Educação talvez a professora possa ter falado alguma coisa, mas o que fica mais mesmo é quando tu tem uma vivência maior com isso e no PIBID a gente teve bastante. Eu acho que é isso. (Izegbe, entrevista em 16 de outubro de 2013).

Te engrandece não só como profissional, mas também como pessoa, porque era a temática que ,pra mim pelo menos, era desconhecida, não é uma coisa que a gente estuda, até bem vagamente, assim, na escola em questões bem pontuais e ainda tem bem esteriotipado, então, primeiro, o conhecimento e a formação enquanto pessoa , porque a visão que tu tem, a minha pelo menos muda completamente a acerca dos povos indígenas (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

A temática indígena foi predominante nas falas das bolsistas, elas puderam fazer relações com o mundo do trabalho e percebem o quanto é difícil de introduzir esse tema na sala de aula, porque ainda há uma resistência sobre o assunto. Na escola, ainda é comum que as professoras abordem de forma equivocada o dia do índio, ainda há muitos estereótipos. O que muitas professoras fazem nessa data resume-se a pintar as crianças de índios, ou fazer desenhos que, geralmente, vêm acompanhados de ocas, de índios com penachos na cabeça e caçando com arco e flecha. Sabemos que os indígenas preservam a sua cultura, utilizam-se da caça e da pesca, usam os artefatos de sua cultura como pintura corporal e uso de penachos e cocares, mas não diariamente, isso ocorre para celebrar, quando é dia de festa. Mas o que há de ensino nas escolas é uma generalização dos mais de duzentos povos indígenas, cada povo tem sua própria cultura que se difere uma das outras, e isso a escola não trabalha, as várias culturas, línguas e etnias que existem no Brasil.

Porém, outras marcas foram identificadas e estão bem fortes nas entrevistas das ex-bolsistas egressas. Cada pesquisada falou do que foi mais marcante no PIBID, ressaltou que a temática indígena teve destaque, foi uma formação que permaneceu entre as bolsistas, mas, entretanto, devo destacar algumas particularidades. A temática sobre memória que foi bem significativo para Mnemósine, que afirma ter perpassado a formação docente.

A temática indígena, nossa! Foi tudo novo, eu nunca imaginava estudar, nunca imaginava aprender o que eu aprendi, foi maravilhoso, mas a memória ela mexeu assim sabe com a pessoa! De se entender porque a pessoa é desse jeito e não de outro (...) a escrita do memorial, mexeu muito e no meu estágio (...) fiz um projeto que foi sobre memória de alguma forma permeando a semana do dia do índio, a escola tinha a semana do dia do índio, foi bem diferenciada, então, não tem como tu separar, não tem como, em todas as práticas eu vou levar as questões do PIBID. (Mnemósine, entrevista em 27 de setembro de 2013).

O que ficou mesmo eu acho que foi da minha volta, o meu retorno na sala de aula sabe? Do meu desinteresse momentâneo por voltar a dar aula de voltar nesse espaço, assim, e de repente tá passei na seleção, vou entrar no PIBID, vou ver qual é que é, e daí me apaixonei de novo sabe? Acho que foi o que mais ficou assim do PIBID. (Izegbe, entrevista em 16 de outubro de 2013).

É importante reafirmar que a proposta do PIBID está na inserção de estudantes das licenciaturas nas escolas, com o objetivo de ambientalizar os futuros docentes com a comunidade escolar, para que o aluno possa estar desde o início inserido nos espaços escolares, mantendo contato com os professores e alunos das instituições. Cumpre notar, que muitos professores se desencantam com a docência nos primeiros anos da carreira, por isso, que o PIBID é uma oportunidade de fazer que o futuro professor seja cativado ou não, com esse espaço. No caso de Izegbe, a iniciação à docência promovida pelo PIBID foi um desafio, porque ela já não via mais a possibilidade de exercer a docência dentro da sala de aula. Mas com o Projeto, ela teve a oportunidade de voltar a se encantar novamente pela com a sala de aula.

E por fim, outra marca importante que ficou nas entrevistadas é escrita de artigos, do memorial e do caderno de atividades sobre a temática indígena e afrodescendente. Essas escritas proporcionaram uma maior habilidade, facilitou a produção de trabalhos acadêmicos. Além disso, as escritas propiciaram apresentações em outros espaços, em outras Faculdades, e isso é bem importante para a formação das professoras, apresentar trabalhos acadêmicos em outros espaços.

No PIBID a questão bem forte assim de escrever artigos de escrever os dois livros que a gente escreveu e aí vem essas duas coisa, primeiro da reescrita tu escreve e isso foi uma coisa bem legal porque todos os outros grupos liam os professores liam todo mundo palpitava acho que isso é uma coisa que enriquece e engrandece não só o produto final que é aquele texto que vai ficar pronto e corrigido depois que tu, pronto não porque nunca fica pronto. (Kabá Darebu, entrevista em 11 de setembro de 2013).

Eu queria dizer que foi muito importante ter participado dos livros: Caderno de Atividades e ter colocado nosso artigo no caderno de CEOM de Santa Catarina. Foi muito importante pra mim na minha formação e tá no meu currículo também, a gente já recebeu um e-mail também do caderno do CEOM pra gente mandar novos artigos eles gostaram muito do nosso artigo e o: Memórias que Contam Histórias que é o livro das nossas memórias. (Aquabe, entrevista em 18 de setembro de 2013).

Foram muitas as marcas deixadas pelo PIBID Pedagogia nas bolsistas egressas, que não tem como colocá-las em um só tópico, são várias visões e várias possibilidades de formação que o Programa proporciona. Fica evidente que cada bolsista colocou em seus depoimentos suas subjetividades carregadas de significados para a sua formação individual. Apesar de ser um grupo com 15 bolsistas, percebe-se que a formação é constituída por diferentes modos de ser professora, de exercer a docência, de perceber as necessidades de cada uma. Entretanto, foi possível revelar que algumas aprendizagens estão atreladas as ex-bolsistas, e que perpassaram a graduação, e que hoje estão sendo empregadas nas suas práticas escolares, não mais como uma experenciação, mas agora como profissionais, como professoras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o PIBID foi um exercício de reflexão, de aprofundamento sobre as aprendizagens das minhas colegas, ex-bolsistas, e da minha formação. Participei ativamente do Programa no mesmo período das entrevistadas e partilho de muitas das marcas deixadas pelo Projeto. O PIBID Pedagogia foi um lindo Projeto, que contribuiu na formação das bolsistas egressas do Curso e posso dizer que na minha formação também. Essas marcas, a docência compartilhada, a autonomia dada pelas coordenadoras, o comprometimento e as temáticas trabalhadas com foco na temática indígena, fazem parte de uma experiência única, que poucos alunos e alunas da Graduação podem ter. Por ser um Programa que ainda está em processo de estruturação, ainda recente, percebe-se que ainda há de se criar novos espaços, para incluir mais alunos da Graduação.

Percebe-se, pelas falas das ex-bolsistas, que todas tiveram boas experiências vivenciadas no Programa. Talvez, essas boas vivências, se devam pelo fato de terem permanecido no PIBID por um tempo importante de sua formação. Quem sabe esse possa ser o motivo delas só perceberem as boas aprendizagens? Entretanto, há de se dizer que o resultado dessa pesquisa deve-se ao fato da escolha por esse grupo, de ex-bolsistas egressas do Curso de Pedagogia e que permaneceram no Projeto, por um tempo significativo. Porém, devo esclarecer ao leitor que nem todas as bolsistas que ingressam no Projeto permaneceram. Muitas deixaram o PIBID, por vários motivos, e cabe aqui dizer que, para futuras pesquisas, é importante, também, investigar os motivos pelos quais muitos bolsistas não permanecem no Projeto.

O PIBID Pedagogia é um Programa novo que está crescendo a cada ano nas Universidades brasileiras. Com essa pesquisa, pude contribuir um pouco para futuros pesquisadores que possam se interessar pelo Programa, de refletir e ampliar a discussão. Neste trabalho foi possível apontar algumas marcas que contribuíram na formação individual, dessas professoras, e que acrescentaram na sua formação acadêmica. É possível constatar que as bolsistas egressas carregam essas marcas para a sua profissão e atuação docente, levam essas experiências para a sua vida.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt, BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **O PIBID Pedagogia desenhando modos de fazer a docência.** In: BELLO, Samuel Edmundo Lopez; UBERTI, Luciane.(Orgs). Iniciação à Docência: articulações entre ensino e pesquisa. São Leopoldo: Oikos, 2013.

BERGAMASCHI, M. A (Org.). **Povos Indígenas & Educação.** Porto Alegre: Mediação, 2008. 160p.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida ; MENEZES, Ana Luisa Teixeira de . **Educação Ameríndia: a dança e a escola guarani.** Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC, 2009. v. 01. 259p. (livros publicados, organizados ou edições)

BERGAMASCHI, M. A . **Interculturalidade nas práticas escolares indígenas e não indígenas.** In: Mariana Paladino; Gabriela Czarny. (Org.). Povos Indígenas e escolarização - discussões para repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. 1ªed.Rio de Janeiro: Garamond / FAPERJ, 2012, v. 1, p. 43-72. (capítulo de livro publicado)

CARVALHO, Naira Gislaíne Cooper. **A beleza de ser um eterno aprendiz.** In. ALMEIDA, Dóris Bittencourt e BERGAMASCHI, Maria Aparecida (orgs). Iniciação à Docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias. São Leopoldo: Oikos, 2012.

CAVACO, Maria Helena. **Ofício do professor: o tempo e as mudanças.** In. NÓVOA, Antônio (org). Profissão Professor. Porto: Porto Editora.1999.2ª Ed.

CORREA, Maiara Michele Carvalho.**Tecendo com fios dourados a minha trajetória.** In. ALMEIDA, Dóris Bittencourt e BERGAMASCHI, Maria Aparecida (orgs). Iniciação à Docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias. São Leopoldo: Oikos, 2012.

FERNANDES, Karina Leitzke. **A trilha da minha vida.** In. ALMEIDA, Dóris Bittencourt e BERGAMASCHI, Maria Aparecida (orgs.). Iniciação à Docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GIMENES, Cristiane Camargo. **Memórias: uma história que apenas começou.** In. ALMEIDA, Dóris Bittencourt e BERGAMASCHI, Maria Aparecida (orgs.). Iniciação à Docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias. São Leopoldo: Oikos, 2012.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986.

MONSÚ, Michelle Zilli, **Pedagogia por opção.**In. ALMEIDA, Dóris Bittencourt e BERGAMASCHI, Maria Aparecida (orgs.). Iniciação à Docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Kabá Darebu.** São Paulo. Brinque Book, 2002.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação.** Lisboa : Dom Quixote, 1992.p. 13-33

_____ **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico.** Lisboa, EDUCA, 2002.

POLO, Ana Cristina; GIMENES, Cristiane Camargo; CORREA, Maiara M. Carvalho; FERNANDES, Karina Leitzke de Lamare; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Estranhamento ou Encantamento? O lúdico que nos move.** Polyphonia: Revista de Educação Básica. CEPAE/UFG, Goiânia, V.22,n.1, p. 1-280, jan/junho, 2011.

POLO, Ana Cristina; GIMENES, Cristiane Camargo; CABRAL, Júlia; CORREA, Maiara; BARBOSA, Viviane. **Cultura ameríndia nas práticas escolares.**In.ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Cultura indígena e afrodescendência. CADERNO PEDAGÓGICO DE PEDAGOGIA- PIBID/UFRGS. Porto Alegre, UFRGS, 2013.

TRAVERSINI, Clarice Salete; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; DALLA ZEN, Maria Isabel Habkcost; SOUSA, Nádya Geisa Silveira de. **Processos de inclusão e docência compartilhada no III ciclo**. Educação em revista, Belo Horizonte, v.28. n.2, p. 259-282, Junho 2012.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.287 - 309.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/legislacao/2336-leis>

<http://www.capes.gov.br/>

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=8724&catid=223

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9648:&catid=215&Itemid=86

http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria260_PIBID2011_NomasGerais.pdf

<http://www.ufrgs.br/pibid/OF%C3%8DCIO%20n%C2%BA%20019-2012.pdf>

<http://www.ufrgs.br/coorlicen/>

<http://www.ufrgs.br/pibid/Projeto%20Institucional.pdf>

<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>

Fonte da imagem: http://www.ufrgs.br/prograd/pibid/PIBIB.jpg/image_pre

8 APÊNDICES

Roteiro da entrevista

- 1- *Por que escolheu ser bolsista do PIBID?*
- 2- *Quanto tempo permaneceu no PIBID? Por quê?*
- 3- *O que gostava e o que não gostava do PIBID?*
- 4- *Como era o trabalho desenvolvido na escola?*
- 5- *O que ficou da formação desenvolvida no PIBID?*
- 6- *Fale sobre sua atividade profissional atual? É possível relacionar a experiência do PIBID com essa atividade profissional?*
- 7- *Quais são suas perspectivas profissionais? A continuidade dos estudos se inclui?*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho se propõe em fazer uma pesquisa com as egressas do curso de Pedagogia e que foram bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID para obter algumas informações sobre sua participação no projeto PIBID Pedagogia.

Suas informações serão muito importantes para este estudo. Assim, sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação – Cristiane Camargo Gimenes – possa realizar este estudo. Sua entrevista será gravada e transcrita os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que a autora do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificada. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada, sendo, assim, garantida a privacidade e a confidencialidade das informações.

Todo o desenvolvimento do trabalho será orientado pela Prof^a Dra. Dóris Bittencourt Almeida e seu destino final será uma Monografia de Conclusão de Curso, que ficará à disposição para consulta na biblioteca da UFRGS.

Eu, _____, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo em participar da mesma.

Assinatura da participante

Porto Alegre ____/____/____